

## **Na cadência das águas do Velho Chico: o samba de roda e a construção de novos espaços simbólicos na cultura ribeirinha**

Prof. Ms. Nerivaldo Alves Araújo (UNEB)<sup>i</sup>

### **Resumo:**

Busca-se trazer à pauta, uma discussão sobre o samba de roda das margens do Velho Chico, na região de Xique-Xique, Estado da Bahia. O samba de roda constitui-se numa manifestação cultural de grande expressividade para os povos ribeirinhos desta região. Por meio de manifestações como estas, a sua cultura vem se perpetuando entre as diversas gerações, sobrevivendo dentro de uma memória coletiva que tem buscado a construção de novos espaços simbólicos para a afirmação da afrodescendência e reversão da condição de inferioridade imposta pela escravização. Traz-se uma abordagem sobre este samba de roda e suas marcas identitárias, considerando todo um simbolismo de uma ancestralidade que na maioria das vezes tem resistido ao preconceito étnico-racial e se impõe enquanto memória e história na formação das identidades culturais do lugar, para além dos estereótipos.

**Palavras-chave:** samba de roda, afrodescendência, memória, identidades, diversidade cultural.

## **1 Introdução**

Este trabalho faz parte de minha pesquisa de doutorado que se encontra ainda em fase inicial, embora seja uma continuação de minha pesquisa de mestrado, na qual se buscou apresentar um retrato da cultura popular ribeirinha do Velho Chico, especificamente da região do Mocambo dos Ventos, localizado entre os municípios de Barra e Xique-Xique, Estado da Bahia, através de suas narrativas orais. Tal pesquisa de doutorado em Literatura e Cultura/UFBA, também continuará navegando por entre as margens do Velho Chico, propondo trazer à pauta, desta vez, não mais as narrativas como “A Serpente da Ilha do Miradouro” e o “O Nego d’Água”, dentre outras, que fizeram parte da dissertação de mestrado intitulada “Navegando nas margens: narrativas orais do Velho Chico”, mas um estudo das identidades ribeirinhas, a partir da manifestação poética, musical, coreográfica e festiva dos seus grupos de samba.

Desta forma, pretende-se tecer algumas considerações sobre o samba de roda das margens do Velho Chico, destacando o seu papel na consolidação da memória cultural local e na construção de novos espaços simbólicos. Para tanto, há que se abraçar nesta viagem pelas águas moventes da cultura ribeirinha, alguns elementos que contribuirão para as conclusões a que se pretende chegar aqui. Elementos como textos, linguagem, musicalidade, ritmo, corporeidade certamente contribuirão para o delineamento dos caminhos para se chegar às identidades destes povos.

Mas, se faz necessário ressaltar que, neste momento, por ser uma pesquisa em seu início, não se tem ainda, uma totalidade suficiente das imagens destes elementos, porém apenas algumas pinceladas que certamente assumirão traços e cores mais definidas a partir de maiores aprofundamentos por entre as manifestações dos referidos grupos de samba destas margens do Velho Chico, pelo canto e pela dança das suas águas.

O samba de roda constitui-se numa manifestação cultural de grande expressividade para os povos ribeirinhos desta região. Considere-se, portanto, este samba de roda como uma manifestação literária capaz de representar a cultura popular, de evidenciar suas marcas identitárias, pois se constitui de letra (texto oral poético), que ainda se completa com outros aspectos capazes de enriquecer toda a textualidade, tais como a poesia, o ritmo e o gingado, dentre outros.

A cultura popular, especificamente aquelas que representam grupos afrodescendentes, muitas vezes tem sofrido, no decorrer da história, um desmerecimento por um grupo social que detém o poder econômico, o qual na maioria das vezes, desqualifica as demais formas que fogem aos

padrões da cultura hegemônica, pois como se tem conhecimento, “toda manifestação popular tende portanto a ser inserida num espaço de subordinação que arbitrariamente é imposto a partir do alto” (ORTIZ, 2003, p. 78). Ressalte-se que não há entre a cultura popular e a cultura hegemônica, uma relação de alienação, como até pode parecer, mas uma relação de forças, em que o grupo cultural, detentor do poder econômico, determina, classifica e exclui.

Percebe-se, ainda, na contemporaneidade, a desvalorização dos elementos das cosmovisões de matrizes africanas e que os valores determinados pela cultura do branco universal são considerados superiores. Assim sendo, em certos momentos da história cultural brasileira, tem se revelado a consolidação de uma imagem negativa sobre o negro, o que lhe conduz muitas vezes à negação de sua própria negritude. Isto, segundo Fanon (2008), como fruto de uma opressão do colonizador, do branco sobre o negro, o qual muitas vezes chega a vestir a máscara branca para poder existir dentro deste contexto.

Nota-se que o próprio sistema social contribui para a perpetuação de um processo de exclusão do afrodescendente. O próprio negro, desde muito tempo atrás, costumava quase sempre negar a sua cultura e sua tradição, pois “o africano escravizado, com sua estranheza e diferença, era tanto mais aceito quanto mais negava e se distanciava de seus ritos e de sua cultura. Só na negação de si mesmo ele podia ser reconhecido como gente, como pessoa, como humano” (GÓIS, 2008, p. 87).

Essa situação é reafirmada pelo discurso do “branqueamento”<sup>1</sup> (FANON, 2008), estimulado por parcelas da sociedade, através da mídia e da literatura, que atrelavam, há até bem pouco tempo, a imagem do negro a estereótipos negativos, reforçando o preconceito criado no Brasil desde a época da colonização. Em certos casos, o próprio afrodescendente, chega a reproduzir também um discurso preconceituoso, pautado em valores da cultura do colonizador (branco) que desmerece e desqualifica o negro.

O samba de roda constiu-se numa manifestação cultural de grande expressividade dentro da cultura dos povos ribeirinhos do Mocambo dos Ventos e região. Através destas manifestações culturais como o samba de roda, os registros de conhecimento de mundo, os valores, as crenças, enfim, toda a história de vida, toda a cultura de um povo perpetua-se entre as diversas gerações, sobrevivendo dentro de uma memória coletiva, fazendo parte, segundo Bhabha (2003), de um processo social de representações, de reprodução e de re-elaboração simbólica.

O Mocambo dos Ventos e sua região ribeirinha constitui-se num espaço de resistência e de preservação da memória cultural, principalmente a afrodescendente, pois traz em suas manifestações culturais, dentre elas o seu samba de roda, marcas de uma cultura híbrida, rica e diversificada. Esta manifestação musical, coreográfica, poética e festiva, tão expressiva, confirma uma cultura que se apoia na diversidade, pois, de acordo com o Dossiê do Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2006, p. 24),

O samba de roda, desde antigos relatos, traz como suporte determinante tradições culturais transmitidas por africanos escravizados no Estado da Bahia. Essas tradições se mesclaram de maneira singular a traços culturais trazidos pelos Portugueses [...] e à própria língua portuguesa e elementos de suas formas poéticas. Tal mescla, assim como outras mais recentes, não exclui o fato de que o samba de roda foi e é essencialmente uma forma de expressão de brasileiros afrodescendentes, que se reconhecem como tais.

Canclini (2006) nos leva a compreender melhor a hibridização quando a considera como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, novos objetos e novas práticas.

## **2 Ao sabor dos ventos e das águas: retratos de um povo e de sua história**

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Frantz Fanon (2008) quando se refere ao desmerecimento de todos os aspectos referentes ao negro e à sua cultura em relação ao branco. Ver a obra do referido autor: *Pele negra, máscaras brancas*.

A viagem pelas águas do Velho Chico na região do Mocambo dos Ventos já se mostra singular e fascinante desde a partida no porto da cidade de Xique-Xique, no estado da Bahia. Logo no início da viagem rumo ao samba de roda ribeirinho, pode-se tomar conhecimento da rotina dos povos da beira do rio, que têm o rio como personagem principal das suas histórias de vida. Este se constitui na principal via de acesso à cidade, e o trânsito de embarcações é considerável, pois diariamente os pescadores utilizam o seu leito para viajarem a Xique-Xique com o intuito de vender seus pescados.

A paisagem é composta de vários elementos que fazem parte de um cenário ímpar, próprio da região. Vale destacar a presença dos pescadores em suas canoas e nas margens do rio, as lavadeiras batendo as suas roupas n'água, acompanhadas de seus meninos nus tomando banho e observando as embarcações, as casinhas e ranchos rudimentares próximos aos barrancos, a garça que espera pacientemente o peixe, as aves chamadas de mergulhões, o vento e o sol, nossos fiéis companheiros em todas as viagens.

Nesta viagem, também é preciso desaporar na Ilha do Miradouro, um dos lugares de memória da região ribeirinha, cujo imaginário se constitui de fascinantes e misteriosas histórias, como por exemplo, a da “Serpente da Ilha do Miradouro”<sup>2</sup>. Os seus moradores dizem que da ilha mirava-se o ouro da Serra do Assurá, local em que se localiza atualmente, o município de Gentio do Ouro. Daí, se pode compreender melhor a origem do nome da Ilha do Miradouro. A povoação ocorreu por devotos de Nossa Senhora Santana em terras de propriedade da viúva do coronel Francisco Garcia Dias D'Ávila, a qual mandou construir na ilha, a capela de Nossa Senhora Santana, em estilo colonial, que ainda resiste ao tempo, cujos moradores afirmam abrigar embaixo de si, num porão, a “Serpente da Ilha do Miradouro”, da qual, os rugidos e murmúrios certas vezes são ouvidos, vindos de seu interior, sendo preciso para acalmá-la, rezar o Ofício de Nossa Senhora na Igreja.

Fazendo parte desse contexto de beleza e história, encontra-se, mais adiante, situado sobre dunas de areia nas margens do São Francisco, o Mocambo dos Ventos com moradias de construções simples, mas muito acolhedoras. A palavra “mocambo” tem sua significação constituída como o lugar em que os escravos se recolham quando fugiam para o mato, habitação comum, sem nenhum conforto.

No Mocambo dos Ventos, mesmo ainda não sendo reconhecida oficialmente pelo governo como uma localidade quilombola, os próprios moradores afirmam ser descendentes de escravos fugidos que se firmaram no local. “Diz que é por causa de uns escravo que chegaram fugido antigamente [...] era uns nego assim altos, sem cabelo, era escravo que chegaram fugidos [...]” (Sr. Alberto de Souza Dias – 56 anos). A Sra. Maria Pereira de Carvalho, 75 anos afirma que a sua bisavó, tratada de Maria Braba, era escrava fugida e foi “pegada a dente de cachorro na caatinga”. A Sra. Maria Alexandrina Caxiado, 73 anos, moradora do lugar desde o nascimento, complementa a afirmação do Sr. Alberto de Souza Dias, dizendo: “Porque venta muito, eles botaram esse nome de Mocambo dos Ventos”.

A região do Mocambo dos Ventos é um lugar paradisíaco, formado por dunas de areias brancas que se movem ao sabor do vento e das águas nas margens do Velho Chico, assim como a sua memória, a sua cultura, as suas identidades. A movência das dunas é uma realidade, uma vez que muitas casas já não existem mais e outras vão sendo construídas cada vez mais afastadas da margem, pois morros de areia surgem e se desfazem com o tempo. “Sei que aqui não tinha esse morro não. Depois que virou esse morro, aí era plano” (Maria Pereira de Carvalho).

Vê-se hoje no lugar em que já foi uma igreja, apenas parte de uma cruz, pois a construção ruiu e desapareceu com o movimento da areia. Uma rua de casa encontra-se prestes a ser soterrada por uma duna que está se formando. Ao ser questionada sobre o que fará com aquela situação, a moradora de uma das casas responde que “o jeito será fazer outra casa mais para trás” (Marilene de Souza Vargas, 48 anos). Próximo à localidade, também provocado por essa movência, emerge-se,

---

<sup>2</sup> Ver a narrativa sobre “A Serpente da Ilha do Miradouro em ARAÚJO (2010).

meio às dunas, um cemitério antigo e desconhecido para muitos moradores, provavelmente de seus antepassados. Toda a área do povoado é repleta de uma areia esbranquiçada e fina. Justificando o próprio nome do povoado, o vento faz-se presente em todas as horas, dias e meses do ano.

Zumthor (2007) chama de *movência* o processo de consolidação da memória, que se implica na reiteração, e em incessantes variações recriadoras. Ou seja, além das dunas e do próprio povoado, que se movem ao sabor dos ventos, e ainda das águas do rio, a memória presente no samba de roda ribeirinho também se move ao sabor dos seus intérpretes e dos seus sambadores, com sua ginga, ritmo, performance e recriações. Deste modo, o samba de roda constitui-se num conjunto universal que traz em si, os retratos de uma cultura lançada ao vento que não pode ser encoberta com o tempo, pelas areias do branqueamento.

A significação em torno da *movência* e liquidez da memória se constrói a partir de uma visão em que a memória deixa de ser relacionada a uma tradição fixa, a uma preservação de lugares muitas vezes estereotipados pela hegemonia cultural, para assumir um lugar de posicionamento, de representações ideológicas de acordo com o contexto e com a história. Esta *movência* líquida da memória pauta-se, conforme ressalta Achugar (2006), em posições tomadas por indivíduos, nas quais o esquecimento e a memória passam a ocupar determinados papéis dentro de um contexto histórico social, cumprindo funções diferentes, deixando de ser tidas como entidades fixas e permanentes.

### **3 O samba das margens como lugares de memória e de representação das identidades ribeirinhas**

O samba de roda das margens<sup>3</sup> do Velho Chico constitui-se como um lugar de memória universal, uma vez que traz em si toda uma representação da cultura local construída a partir de uma perspectiva multicultural que se apoia nas matrizes indígena, portuguesa e africana. Através desta diversidade cultural que permeia o samba de roda ribeirinho, os espaços de memória da cultura ribeirinha vão se consolidando. Assim sendo, as letras, o ritmo, a ginga, a “pisada” deste samba de roda da beira do rio podem ser considerados, dentre outras manifestações culturais, como elementos fundamentais para a representação das identidades ribeirinhas.

Desta forma, pode-se afirmar que o samba de roda ribeirinho contribui para a afirmação destas identidades dos povos das margens do Velho Chico. Identidades que trazem consigo as marcas do hibridismo cultural. Pois se faz notória neste tipo de samba, além da riqueza rítmica da cultura africana, a presença de influências ibéricas misturadas também com o canto e a dança indígena. A interpenetração destas culturas contribuiu para o surgimento de diversas modalidades de cantos e danças que surgiram em meio aos diversos grupos culturais, tais como o fado, a chula, o lundu, dentre outras.

Dentro de um processo que se pode chamar aqui de resignificação da cultura de matriz africana, o samba de roda, devido à ideologia do branqueamento com a marginalização da estética cultural afrodescendente acabou se adaptando, ou mesmo se incorporando às manifestações culturais de origem branca. Desta maneira, tornou-se uma manifestação de cunho plural e diversificado.

Porém, segundo Sodré (2007), apesar de suas características mestiças, onde se misturavam influências africanas e europeias, essa música, que passou a se chamar samba, acabou habitando por entre o seio da população negra, especificamente após a abolição. Tornou-se, portanto, um batuque menos ostensivo, que, ainda segundo Sodré (2007), modificava-se como tática de preservação, para que tivesse continuidade. Estas músicas e danças de origem africana passavam por transformações e acabavam perdendo alguns elementos e ganhando outros, em decorrência da ambiência social, pois como se tem conhecimento:

---

<sup>3</sup> A palavra *margem* não significa neste trabalho, apenas como um lugar da beira do rio, mas ainda assume a conotação de lugar de desmerecimento, de discriminação sociocultural, a partir de um centro canônico.

[...] em toda a história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objeto de freqüentes perseguições policiais ou de antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis (SODRÉ, 2007, p. 14-5).

Dentro desta realidade, o que acaba se constituindo é um samba de roda heterogêneo, fruto de uma hibridização cultural, com marcas advindas de matrizes diversificadas. Pode ser considerada tal manifestação cultural, como uma forma de resistência da cultura afrodescendente que se apoiou nesta mistura de elementos. Mesmo sendo constituído nesta diversidade cultural com marcas oriundas do branco europeu e até dos povos indígenas, são as marcas do batuque e do ritmo africano que acabam prevalecendo, permeando até os dias de hoje as rodas de samba, como as das margens do Velho Chico.

Na cultura tradicional africana, conforme afirma Sodré (2007), a música aparece sempre associada a outra forma de manifestação cultural como danças, mitos, lendas e objetos. Sendo assim, o samba de roda ribeirinho, é um exemplo desse tipo de manifestação, pois se torna capaz de estabelecer relações com a religião, as lendas, os costumes, a história do lugar, como forma de representação de identidades, pois as suas letras, vestimentas, instrumentos, batuques e gingados se consolidam como espaços da sua memória cultural.

No samba de roda do Mocambo dos Ventos e região ribeirinha, a música e a dança se entrelaçam, constituindo-se como força maior de expressão da cultura afrodescendente. As identidades ribeirinhas se retratam a partir da sua musicalidade e da sua corporeidade. O batuque, a ginga, as síncopes e os ritmos marcados se misturam às letras que trazem a história, a ideologia e o cotidiano das margens do Velho Chico, revelando assim sua tradição e costumes.

Novos espaços simbólicos passam a ser construídos na cultura ribeirinha a partir do seu samba de roda. Cada apresentação das rodas de samba, que muitas vezes vem associada a festas religiosas como Festa de Reis, São João, São Pedro e Nossa Senhora da Conceição representam novos espaços, uma vez que demonstra claramente a relação estabelecida entre as matrizes culturais formadoras. Neste caso, o samba surge, na maioria das vezes, como continuidade de uma celebração da religião Católica, integrando-se como parte da festa religiosa. Ao se analisar tais apresentações, rituais, letras, vestimentas, ritmos e movimentos corpóreos, nota-se toda esta mistura de identidades culturais, conforme já foi apontado anteriormente.

Há ainda nestas apresentações, a incorporação de novos elementos que a cada momento são trazidos pela globalização midiática. Tais manifestações se renovam em consequência desta relação estabelecida com outras culturas. É por esse motivo, que se pode afirmar que a cultura ribeirinha, sua memória e seus espaços simbólicos encontram-se em estado de liquidez e de movência como o de suas águas. E que tal qual suas dunas de areia, as identidades ribeirinhas se movem ao sabor dos ventos e das águas do Velho Chico.

O grupo de samba “Na Pisada”, das margens do Velho Chico, pode ser tomado como um exemplo de espaço de memória da cultura ribeirinha. Este grupo tem permanecido vivo e juntado várias gerações: bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos. Nos versos a seguir, percebe-se a presença dos elementos da cultura local como o peixe, o rio, suas águas e a fé em Nossa Senhora de Santana da Ilha do Miradouro.

Ô piaba ê, piaba ê  
Valei-me Nossa senhora  
Ô Piaba ê, piaba ê  
Santana do Miradouro  
Ô Piaba ê, piaba ê  
Me bote daquele lado,  
Ô Piaba ê, piaba ê  
Nos braços do meu amor

Ô Piaba ê, piaba ê

Nos versos, a piaba, peixe comum da região, aparece como elemento do refrão, demonstrando a relação com as águas, Nossa Senhora, como uma marca da fé e religiosidade, acrescentado ainda do elemento romântico das cantigas, quando evidencia o desejo de estar na outra margem ao lado do amor.

Observe-se ainda o trecho de outra letra:

No rio São Francisco  
Tem duas coisinhas belas  
Cabeça de curimatá  
Beijinho de moça donzela

Ressalte-se nestes versos, também a forte ligação com o rio, suas águas e seus peixes, fortes marcas da cultura ribeirinha. E o beijinho de moça donzela considerado como uma das duas “coisinhas belas” do rio traz na expressão “donzela”, um símbolo de preciosidade e de valor. É apresentada a figura da mulher casta e pura, uma marca da cultura eurocêntrica cristã, presente no discurso ribeirinho.

Além destes aspectos trazidos na letra, a sonoridade, o ritmo, a batida das mãos e o jogo corpóreo, com gingados e pisadas fortes e cadenciadas, revelam as características de um samba de roda plural, mas que destaca a forte presença do batuque da cultura afrodescendente, a qual, segundo Oliveira (2007), tem o corpo e o seu gingado como marcas de identidade do parentesco religioso e social, étnico e político. O corpo constitui-se no samba de roda ribeirinho como uma maneira exígua de representação não-verbal. Os povos ribeirinhos utilizam-se de expressões corporais abundantes nas suas festas e rituais, nas suas rodas de samba.

Na festa de São Pedro em Xique-Xique, mês de junho deste ano de 2011, pode-se comprovar, dentro da cultura local, a força do samba de roda ribeirinho e a sua diversidade cultural, cujo batuque da caixa, pandeiro, viola, palmas e vozes como a de Dona Anita, uma senhora de 66 anos de idade, integrante do grupo “Na Pisada”, fizeram muitas pessoas caírem na roda de samba, juntamente com as “sambadeiras” da Utinga, que também entraram na roda, animando ainda mais a festa, como afirmam os próprios moradores.

## **Conclusão**

Portanto, as considerações finais deste estudo vêm ratificar a presença do samba de roda da margem do Velho Chico como um espaço permeado de simbologia, tradição e cultura, onde as identidades são moventes e líquidas, assumindo formas diferentes no decorrer do percurso navegado por entre a riqueza cultural da região. O samba de roda ribeirinho pode ser tomado como exemplo de reestruturação da cultura e da tradição afrodescendente, quando se aporta na hibridização, absorvendo elementos e exortando outros.

Assim sendo, este samba de roda se constitui como um espaço de memória, o qual, segundo Achugar (2006), assume a responsabilidade de resgatar os esquecimentos a que haviam sido submetidos indivíduos, obras e fatos históricos. Uma memória viva, movente e líquida como as águas do rio, constituindo-se de acordo com as histórias de vida e as relações estabelecidas entre os povos destas margens, que muitas vezes se utilizam de estratégias como o esquecimento e a lembrança para darem continuidade às suas expressões culturais, mesmo de forma ressignificada e híbrida.

Neste sentido, a vertente teórica que sustenta o conceito de memória trazido nestas reflexões, bem como suas funções, vem se consolidar ainda em Le Goff (2003, p. 471), quando afirma: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Deve-se trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a

libertação e não para a servidão dos homens”.

Logo, este samba de roda ribeirinho apresenta-se como porta-voz de uma identidade marcada pela hibridez, construída a partir de diversas influências. Assim como as águas do próprio rio, as identidades ribeirinhas se constroem através da interação com o outro e se encontram em estado de movência e liquidez. A identidade, portanto, pode ser aqui compreendida como “[...] uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2000, p. 13).

Como espaço simbólico, o samba de roda das margens do Velho Chico contribui para uma nova perspectiva de se pensar a identidade afrodescendente e a maneira como coexiste no cenário brasileiro, pois esta identidade vem se afirmando como “[...] projeto político e como construção cultural. Identidade que é ao mesmo tempo resgate e criação” (OLIVEIRA, 2006, P. 136). Fica evidente, portanto, que a mestiçagem, segundo Oliveira (2006) constituiu-se como uma das artimanhas de dissimulação da identidade negra no Brasil, para que esta se perpetue entre as culturas.

## Referências Bibliográficas

- 1] ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- 2] ARAÚJO, Nerivaldo. **Navegando nas margens**: narrativas orais do Velho Chico. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.
- 3] BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Loureiro de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- 4] CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução Introdução Gênese Andrade. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: EDUSP, 2006.
- 5] Dossiê do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, 2006.
- 6] FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- 7] GÓIS, Aurino José. O diálogo inter-religioso entre o cristianismo e as tradições afro-brasileiras. In: AMÂNCIO, Maria da Costa (Org.). **África-Brasil-África**: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Nandyala, 2008.
- 8] HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- 9] LE GOFF. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2003.
- 10] OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Gráfica Popular, 2006.
- 11] OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- 12] ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4. reimpressão da 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- 13] SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1988.
- 14] ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2a. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

---

**Nerivaldo ARAÚJO, Prof. Ms., Doutorando**  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
neriaraujo@hotmail.com